

Jornadas

Poesia e Performance IV

Desautoritarismos e Indisciplinaridades

22-24 de abril 2026

Faculdade de Letras da
Universidade do Porto
Casa Comum



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

JORNADAS INTERNACIONAIS POESIA E PERFORMANCE IV INTERNATIONAL CONFERENCE POETRY AND PERFORMANCE IV

Desautoritarismos e Indisciplinaridades
De-authoritarianism and Indisciplinarity

22-23 ABRIL | APRIL

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Salas de Reuniões I e II

Espaço Porta-Jazz

24 ABRIL | APRIL

Casa Comum, Reitoria da Universidade do Porto

Galeria Municipal do Porto

Livraria Aberta

Biblioteca Poética Eugénio de Andrade

Imagem de capa | Edgar Pêra

Jornadas

Poetry and Performance IV

De-Authoritarianism and Indisciplinarity

April 22 to 24, 2026

Faculty of Arts and Humanities
of the University of Porto
Casa Comum

Comissão Organizadora Organizing Committee

Diogo Marques
Inês Cardoso
Lúcia Evangelista
Sandra Guerreiro Dias

Comissão Científica Scientific Board

Ana Cancela (U. Porto/CITCEM)
Ana Carvalho (U. Maia/CIAC)
Ana Bessa Carvalho (UMINHO)
Ana Sabino (ILCML)
André Barata (UBI/Praxis)
Annita Costa Malufe (U. Salamanca/PUC-SP;
CNPq; ILCML)
Bruno Ministro (U. Porto/ILCML)
Burghard Baltrusch (U. Vigo/BiFeGa)
Carla Miguelote (UNIRIO)
David Pinho Barros (U. Porto / ILCML)
Eunice Ribeiro (Univ. Minho, CEHUM)
Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG / CNPq)
Joana Meirim (NOVA FCSH, IELTS)
João Paulo Guimarães (ILCML)
João Pedro Amorim (U. Católica/CITAR)
José Domingues de Almeida (U. Porto/ILCML)
Mafalda Pereira (U. Vigo; U. Porto/BiFeGa; ILCML)
Manuel Portela (U. Coimbra/CLP)
Marinela Freitas (U. Porto/ILCML)
Mário Camara (Universidade de Buenos Aires)
Né Barros (U. Porto/IF)
Nuno Miguel Neves (U. Beogradu)
Osvaldo Manuel Silvestre (U. Coimbra/CLP)
Pedro Eiras (U. Porto/ILCML)
Rosa Maria Martelo (U. Porto/ILCML)
Rui Torres (UFP / ICNOVA)
Salomé Honório (FLUL, CECOMP)
Sérgio das Neves (FCSH, IELTS)
Sofia Mota Freitas (U. Porto / ILCML)

CONFERÊNCIAS PLENÁRIAS
PLENARY SESSIONS

from heart beats to art bits: 2 theses on the poetics and politics of rhythm in experimentalism followed by a proposal to rage against the machine

Nuno Miguel Neves (Univ. Beogradu)

In this lecture, rhythm is considered as a structuring element of poetic discourse and as an essentially political space. Drawing on the critiques of Meschonnic and Deleuze & Guattari regarding structural models of rhythm, an approach is proposed that situates it within the tension between emancipatory possibilities and phenomena historically appropriated and instrumentalised by power.

Taking as its starting point the construction of a theoretical framework that allows for the articulation of the different dimensions that constitute it – temporal, corporeal, historical, political – the aim is to pave the way for the development of a poeconomics of rhythm. This will serve as the foundation for a proposal for an exploratory analysis of its emancipatory potential, examining the relationship between a political economy of rhythm and a poetics of interruption, developed from concrete practical examples.

Between stutter and excess – radical forms of deceleration and disruption – in what these gestures allow in the disruption of regulated fluidity, and in what they represent as tactical forms of sabotage against dominant regimes of utilitarianism and value creation, the lecture will conclude with an analysis of specific works that allow us to visualise the productive tension established by a model of interruption as a tactical element and its capacity to challenge hegemonic logics of value creation.

Nuno Miguel Neves holds a PhD in Materialities of Literature from the University of Coimbra, where he also completed a degree in Social and Cultural Anthropology and a postgraduate diploma in Art Studies. In 2021, he was an Instituto Camões Lecturer in Luanda, teaching Portuguese Literature and Literary Theory. In 2022, he was a research fellow at the Beinecke Rare Book and Manuscript Library at Yale University. Since 2023, he has been teaching Portuguese Studies at the University of Belgrade, where he also directs the Portuguese Language Center. His research focuses on aesthetics and politics, particularly voice, experimental movements, and Portuguese marginal literatures.

SPELL

J. R. Carpenter (University of Leeds)

To spell is to write or sound out the letters of a word in a certain order. To spell out is to make clear or plain. A spell is a word or phrase supposed to have magical powers. Spell can also refer to duration, a period in which anything can happen. SPELL is an undisciplined keynote which refuses the orderly authority of correct spelling, SPELL spills over into incantation, luring the reader and/or listener into a multi-lingual etymological labyrinth. Written for the ear as well as the eye, SPELL is also a long poem, a lecture performance, and visual essay, full of puns and word play.

J. R. Carpenter is an artist, poet, and Lecturer in Performance Writing in the School of English at University of Leeds. Her digital poem *The Gathering Cloud* won the New Media Writing Prize 2016. Her debut poetry collection *An Ocean of Static* was highly commended for the Forward Prizes 2018. Her hybrid print-digital project *This is a Picture of Wind* was listed in The Guardian's best poetry books of 2020 and featured in the British Library's Digital Storytelling exhibition at the British Library 2023. Her interdisciplinary performance project *An Island of Sound*, created in collaboration with musician Jules Rawlinson, has been performed in Edinburgh, London, Edmonton, and Coimbra. An academic article written into the libretto of *An Island of Sound* was published in *Media + Environment*. Her print poetry collection, *Measures of Weather*, was The Observer's poetry book of the month February 2025 and was shortlisted for the Laurel Prize for Ecopoetry. Her most recent collection, *pause*, is out now from Broken Sleep Books.

Alberto Pimenta: conexões brasileiras

Gustavo Silveira Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais)

A conferência apresentará uma leitura da obra poética de Alberto Pimenta a partir de suas conexões com o Brasil. São três caminhos distintos a indicar as relações do poeta com a literatura e a sociedade brasileira, a saber: a proximidade de Pimenta com a tradição da poesia experimental e de vanguarda do Brasil; a posição do poeta diante do fenômeno da migração e dos episódios de violência xenófoba ou de outra natureza (com destaque para o caso de Gisberta Salce); a presença difusa, mas notável, de Pimenta na poesia brasileira contemporânea, o que se verá a partir do trabalho criativo e crítico de diferentes autores, com destaque para Pádua Fernandes e Renato Negrão.

Gustavo Silveira Ribeiro é professor de literatura da Faculdade de Letras da UFMG. Doutor em Literatura Comparada pela mesma UFMG (2012), com período de estudos na FCSH – NOVA de Lisboa. Coordenador do ESCAPE -- Grupo de Pesquisa sobre Poesia Experimental, Performance e Artes do Corpo (UFMG/CNPq). Autor, entre outros, dos livros: *Poesia contemporânea: reconfigurações do sensível*, *Uma alegria estilhaçada* e *A extração dos dias: poesia brasileira hoje*. É um dos editores da OURIÇO – revista de poesia e crítica cultural, junto a Daniel Arelli e Ana Martins Marques.

RESUMOS
ABSTRACTS

Demasiadas vozes na minha boca: Devir por demarcações

Inês Faro (Université de Montréal)

Esta palestra-performance experimental propõe uma investigação sonora daquilo que denomino, a partir de *Dictee* (1982) da artista coreana-americana Theresa Hak Kyung Cha, “subjetividade em demarcações”, um modo de enunciação que não se funda numa identidade estável ou unificada, mas se constitui por demarcações linguísticas, afetivas, históricas e corporais. Distingo, neste contexto, fronteira e demarcação. Enquanto a fronteira faz referência a uma linha geográfica ou política instituída para regular quem pertence ou é excluído, a demarcação é um processo instável e reiterável, que expõe a fragilidade dessas mesmas linhas e a possibilidade de as perturbar e reinventar.

Na minha tese de doutoramento analiso poéticas da voz em obras autobiográficas ou autoficcionais de autoras pós-coloniais, e examino como a fragmentação extrema, a colagem de línguas, hibridização de géneros e arquivos desconstroem modelos logocêntricos de presença e desautorizam conceções hegemónicas de identidade.

Nesses textos, a voz é declinada como um fenómeno descontínuo e espectral, expondo as múltiplas violências e influências inscritas na linguagem. É a partir destas leituras que proponho uma experimentação performativa que articula teoria e autobiografia que explora como a minha voz e identidade de mulher, mãe de quatro crianças, migrante e investigadora exofónica também se produz por demarcações linguísticas, geográficas, memoriais e sonoras.

A performance torna audível a ideia de subjetividade em demarcações através de respirações amplificadas, fragmentos poéticos originais que se interrompem, se repetem ou se sobrepõem, alternâncias linguísticas, sobreposição de vozes gravadas e manipulação da voz. Ao mobilizar estes dispositivos sonoros, esta palestra-performance quer confirmar a potência poética da polifonia como campo (re)invenção indisciplinada da subjetividade e como gesto de desautorização dos discursos normativos interessados em definir o que significa escrever ou falar na primeira pessoa.

Inês Faro é investigadora luso-canadiana e doutoranda em Literatura Comparada na Université de Montréal, com financiamento dos Fonds de recherche du Québec. Participou nos projetos de investigação *Ventriloquie et pratiques d'improvisation en littérature* (2023 - 2024) e *Théâtre sonore et voix de femmes incarcérées* (2022-2023). Em 2022, foi investigadora visitante na Universidade de Oxford. Publicou cinco artigos e dois capítulos de livros. Antes da carreira académica, foi jornalista e colaborou na produção de três documentários para televisão. Formada em teoria psicanalítica, será coapresentadora do podcast *Conversations in Psychoanalysis Today*. Está a escrever o seu primeiro livro de contos.

Oracles Sorores: Glossolalie et Sussurrement des Nymphes

Urielle HUG (LABO ACTE, Paris Sorbonne1)

TBP.

Urielle HUG TBP.

Entre Gesto e Ritmo: Infância, performatividade e política do sensível em *Poemas para ler com palmas*, de Edimilson de Almeida Pereira

Samuel Carlos Melo (IAEL/POSLLI – UEG)

Este trabalho propõe uma leitura de *Poemas para ler com palmas* (2017), de Edimilson de Almeida Pereira, a partir da infância compreendida não como público leitor ou categoria etária, mas como condição performativa da linguagem e modo de produção de conhecimento. Em diálogo com Giorgio Agamben (2005), especialmente no que se refere às noções de infância, gesto e experiência, e com Jacques Rancière (2009), a análise investiga como a obra mobiliza ritmo, repetição, oralidade e participação corporal como operadores estéticos capazes de reconfigurar o regime dominante da leitura poética. A hipótese central é que o livro instaura uma política do sensível ao deslocar a poesia do campo da leitura silenciosa e conceitual para uma experiência rítmica e corporal, na qual o sentido emerge da ação e da escuta. O gesto das palmas, longe de funcionar como recurso lúdico ou pedagógico, é compreendido como ato performativo que produz a própria experiência poética, suspendendo a autoridade do significado prévio e exigindo do leitor uma participação ativa no processo de significação. A partir das reflexões de Walter Benjamin (2002) sobre experiência, jogo e repetição, e de Leda Maria Martins (2021) acerca da performance como dimensão epistemológica ligada a matrizes afro-brasileiras, o trabalho sustenta que a infância opera, na obra, como um regime sensível que antecede a racionalidade discursiva adulto-letrada. Nesse sentido, *Poemas para ler com palmas* não apenas tematiza práticas culturais afro-brasileiras, mas afirma modos não hegemônicos de conhecimento, baseados na corporeidade, na circularidade temporal e na participação coletiva. Ao analisar poemas do livro, o estudo busca demonstrar como a poética de Edimilson de Almeida Pereira articula gesto e ritmo como dispositivos

críticos, produzindo uma redistribuição do sensível que tensiona as fronteiras entre poesia, performance e política da arte.

Samuel Carlos Melo é Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP, e professor adjunto do Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas - IAEL da Universidade Estadual de Goiás – UEG, atuando no Curso de Letras, da Unidade Iporá, e na linha “Estudos Literários e Interculturalidade”, do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI, no Câmpus Cora Coralina, onde também exerce a função de coordenador.

Um homem de merda: intervenção micropolítica e humor em Christophe Tarkos

Annita Costa Malufe (Univ. Salamanca; PUC-SP; CNPq),

Em 1998, o poeta Christophe Tarkos (1963–2004) performa em Paris “Un bonhomme de merde”. O poema é um bom exemplo do estilo irreverente e ao mesmo tempo experimental do autor francês, aliando estratégias sonoras, especialmente a repetição e a permutação, ao humor e à ironia. A escrita para Tarkos era imediatamente oral, ou vice-versa: não raro, o poema era resultado de improvisações orais realizadas nas inúmeras performances públicas de que participou. A presente comunicação debruça-se sobre sua poética, em especial a partir da tradução e análise do poema “Un bonhomme de merde”, com o objetivo de pensar a atualidade de sua intervenção crítica, buscando ainda, quem sabe, atualizá-lo em vista da ascensão dos autoritarismos contemporâneos. Pretende-se questionar sobretudo, a partir de Henri Bergson e Gilles Deleuze, o estatuto do humor e da ironia, diferenciando-os enquanto estratégias políticas centrais do poema. Para tanto, tem-se por horizonte conceitual as noções de micropolítica, biopoder e sociedade de controle de Michel Foucault. O objetivo central será provocar o pensamento acerca de possíveis práticas de intervenção poética na atualidade que lidem com a micropolítica das relações, modos de se resistir aos poderes cada vez mais infiltrados nas linguagens e nos comportamentos correntes.

Annita Costa Malufe é doutora em Teoria Literária pela Unicamp, pesquisadora do CNPq, investigadora da Universidade de Salamanca, junto ao Grupo de Investigación Reconocido Estudios Portugueses y Brasileños, e professora na pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. É investigadora colaboradora no ILCML (U. Porto). É autora, dentre outros, de *Poéticas da imanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar* (7Letras/ Fapesp, 2011) e de sete livros de poemas, dentre os quais, *Quando não estou por perto* (7Letras/ Petrobras, 2012) e *Alguém que dorme na plateia vazia* (7Letras, 2021).

Performance e expressão: o clichê e a crítica a partir de Tarkos

Larissa Drigo (UNESP/Ibilce)

Partiremos da análise de uma performance de Cristophe Tarkos, cujo título é “O texto é expressivo”, ela data do início dos anos 1990, foi uma das primeiras a serem realizadas pelo poeta e por isso, pode funcionar como uma espécie de arte poética que nos permitiria definir as principais características da poética dessa geração que utiliza pastiches, paródias e clichês como forma de crítica à linguagem autoritária, mas também à própria tradição poética. A performance tem início com 4 gritos seguidos da leitura de um texto que repete as mesmas frases feitas sobre a natureza de um “texto expressivo”, entre elas: “O texto é expressivo. O texto é intenso. A expressividade do texto é boa. O texto é bom. Ele sai sonoro e verdadeiro. O texto tem uma boa expressividade. O texto [é] expressivo é [e] intenso(...)”. O centro da performance e de nossa investigação está justamente no contraste entre o grito (a linguagem desarticulada) e a expressão, simples, clara e articulada do texto lido. Ao criar esse choque, essa é a nossa hipótese, Tarkos tensiona algumas das principais características do que Jean-Marie Gleize chamou de pós-poesia. Para o crítico francês, a pós-poesia exclui toda dimensão expressiva e também não se refere a nenhum sistema de valor estético, entre outras características. No entanto, Tarkos ao reproduzir em sua leitura os ideais de um sistema que não é apenas literário, mas também social, e que toca diretamente na maneira como utilizamos a linguagem, nas normas e valores a ela atrelados, nos coloca diante de uma forma de crítica da poesia e de seus valores tradicionais. Ele não estaria, portanto, como os pós-poetas que Gleize define, fora da poesia, mas sobretudo, contra ela. O nosso objetivo aqui é justamente definir através da análise da performance quais as principais características dessa poesia e qual a natureza da sua dimensão crítica.

Larissa Drigo Larissa Drigo Agostinho é analista, tradutora e professora na UNESP/Ibilce, São José do Rio Preto-SP, Brasil, vinculada também ao programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição. É graduada em Letras português/francês pela USP, mestre em filosofia pela Universidade de Paris I, mestre e doutora em Letras pela Universidade de Paris IV e possui pós-doutorado em filosofia pela USP, com bolsa FAPESP. É autora de *A linguagem se refletindo: introdução à poética de Mallarmé* (Annablume, 2020) e *Desejos ingovernáveis* (n-1 edições, 2022).

Resistance in Serge Pey's Work: In Search of Infinite Orality. The Case of "Urine"

Gabriel Armellin (Université McGill), Resistance in Serge Pey's Work: In Search of Infinite Orality. The Case of "Urine"

Le travail prolifique et important du poète action Serge Pey se fonde sur la recherche d'une voix-corps se réalisant par la récitation de poèmes écrits sur des bâtons comme pièges à infini. À ses débuts, le poète s'ancre dans la lignée des situationnistes, adoptant une position résolument anti-totalitariste et libertaire élaborée à partir d'une philosophie directe et critique qui s'oppose aux valeurs de la société néolibérale par une recherche du dépassement de l'art et de sa marchandisation (Debord, 1967). Pey dénonce alors une crise de la pensée en prenant le contre-pied d'une tradition dite poétisante soumise aux dogmes religieux, économiques et politiques. Par conséquent, il rejette la croyance en un État-Dieu-totalitaire pour prôner une guérilla poétique (Pey, 2006 : 209). Cette recherche s'élabore selon lui dans et par l'oralité du poème, par laquelle s'élabore un rite d'action performative recherchant la fixation du poème par un chant ancré dans la dichotomie dehors dedans. Ce chant du monde se réalise par la bouche à la recherche d'une écriture devenant le lieu d'une recherche dans l'inconnu et l'infini. L'ancrage se réalise sur des bâtons de marche sculptés, comme « l'écriture visuelle de [s]on oralité » (Pey, 2018 : 189), qui deviennent le support du poète marcheur clandestin parcourant le monde pour réfléchir un anarcho-animisme (Pey, 2018 : 473) en remplacement de l'oppression politico-théologique. Car Dieu serait « l'anagramme du vide » (Pey, 2018 : 113), et ce serait dans le vide que se trouve le mystère de la vie capté et matérialisé par le rythme de ses pas et de son bâton : l'oralité du poème. En entendant l'oralité au sens d'Henri Meschonnic (1982) comme le primat de la prosodie et du rythme dans l'écrit, nous proposons une lecture de près des dispositifs rythmiques du performatif chez Pey à partir du texte « dieu est un chien dans les arbres » (Pey, 1993 : CCCXVI-CCCXXXVI). Notre présentation démarre de l'hypothèse que ce rythme serait basé sur l'entropie, notamment grâce à

des phrasés paralogiques (Bernadet, 2019) qui cherchent à contrecarrer la logique du formalisme théologique et capitaliste. L'analyse du discours suggèrera la caractérisation d'une manière (Dessons, 2004) désautoritaire représentée par une mise en langage du performatif (Butler, 1997) (Agamben, 1995).

Gabriel Armellin est actuellement traducteur et doctorant en langue et littérature française à l'Université McGill à Montréal au Canada. Sa thèse vise à élaborer la notion de récitatif dans le contemporain à partir de la poésie performance. Ses intérêts de recherche portent sur les poétiques de la voix et les rapports interdisciplinaires entre performance, musique et littérature.

Herberto Helder, Antropocida Serial

Fernando Velasco (U. Porto / ILCML)

Aprender uma língua é assimilar a metafísica que lhe é subjacente. É a linguagem que orienta a formação dos nossos hábitos de pensamento e fornece os modelos segundo os quais organizamos o real em mundo. Talvez então toda a poesia digna desse nome seja uma experiência de desaprendizagem linguística e, portanto, uma experiência linguística da desaprendizagem do que se entende comumente por “mundo” e, correspondentemente, de invenção de outro, outros: ao afastar a língua das normas que regem seus usos comuns, reorganizando-a segundo protocolos originais, o poeta pensa contra o pensamento, tanto no sentido de que desestabiliza o senso comum, as interpretações dominantes da realidade em um determinado contexto, quanto no de que afirma a linguagem mesma como o lugar por excelência da criação do novo.

Esta comunicação pretende investigar os modos como a poesia de Herberto Helder exaure linguisticamente o pensamento moderno, arruinando o fundamento gramatical de algumas de suas noções basilares, como a de “homem”, e os pressupostos que asseguram seu prestígio, como os de que o ser humano é a medida do valor e condição para o sentido de toda a existência. Encenando formas não humanas de pensamento, a escrita do poeta implode não apenas o humanismo moderno como também, mais amplamente, a própria modernidade enquanto sistema de pensamento, em benefício de novas formas de se pensar e de se viver.

Fernando Velasco é doutor em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde desenvolveu tese sobre a tragicidade comum à poesia de Herberto Helder e à filosofia de Nietzsche. É investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Escreve principalmente sobre as relações entre poesia e filosofia ou sobre os diálogos entre a literatura e as outras artes. Como roteirista de cinema e TV, escreveu diversas obras de ficção e documentais, em formatos variados.

A máquina de escrever fantasmas - A performatividade e escrita metamórfica na *Teoria do Fantasma*, de Fernando Guerreiro

Adry Neves (Colégio das Artes / Univ. Católica)

Nuno Bessa Moreira (ULP, CUP / CITCEM)

Neste estudo propomos uma análise da *Teoria do Fantasma*, de Fernando Guerreiro, problematizando o carácter híbrido e performativo da escrita enquanto dispositivo crítico, poético e político. Partindo da estrutura bipartida da obra, constituída por um ensaio e por um poema longo, defendemos que os géneros se diluem internamente, produzindo uma escrita metamórfica que opera no intervalo entre teoria e prática, discurso crítico e gesto performativo. Esta comunicação divide-se em duas partes. Na primeira, discutem-se os conceitos de escrita performativa, fantasma e fantástico, interrogando a inserção da *Teoria do Fantasma* neste campo. A obra de Fernando Guerreiro é confrontada com estudos de Todorov, Filipe Furtado e Maria João Simões, bem como com *Specters of Marx* de Derrida e *Ghostly Matters* de Avery Gordon, de modo a avaliar as aproximações implícitas do texto a uma teoria crítica da imagem e da literatura, aberta à desconstrução. Paralelamente, estabelecem-se diálogos com a poesia contemporânea de Adília Lopes e a obra de Herberto Helder, considerando a dimensão experimental, o anti-técnico e a heterogeneidade do gesto literário como formas de fantasmagoria textual e performativa. Na segunda parte procede-se a uma análise detalhada do texto de Fernando Guerreiro, articulando a leitura com a bibliografia crítica existente e com reflexões sobre a escrita fantasmática, performativa e transmedial. Do ponto de vista

metodológico, a comunicação assume uma abordagem performativa e hermenêutica, concretizada sob a forma de Conferência Performance, defendendo o fantástico como ontologia e o fantasma como gesto transmedial entre texto, corpo e imagem.

Adry Neves é artista e investigadora em Arte Contemporânea, com formação em Artes Dramáticas e Artes Plásticas - Intermédia, e doutoranda no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. O seu trabalho cruza criação performativa, investigação artística, folclore assustador norte-americano, memória colonial e autobiografia, explorando o monstro como figura política, ontológica e poética. Desenvolve práticas interdisciplinares que atravessam teatro, performance, escrita, cenografia e cinema. Apresentou comunicações académicas, integrou projetos teatrais no TNSJ e expôs em contexto artístico. Interessa-se por oralidade, performatividade do discurso e pela arte enquanto forma de conhecimento crítico.

Nuno Bessa Moreira nasceu no Porto em Agosto de 1976. É Doutor em História (Ph.D) pela Faculdade de Letras do Porto. É colaborador do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória) desde 2007, sendo actualmente investigador desta instituição. Concluiu o curso de História - Ramo de ensino, no ano de 1999. Em Fevereiro de 2013 defendeu provas públicas de doutoramento com a dissertação: A Revista de História (1912-1928): uma proposta de análise histórico-historiográfica, orientada pelo Senhor Professor Armando Carvalho Homem. É Professor Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto, desde 2018, no curso de Artes Dramáticas e Formação de Atores e, desde 2025, no Mestrado em Gestão Cultural. Trabalha preferencialmente no âmbito da História da Historiografia, incentivando e investigando as relações deste domínio disciplinar com outros âmbitos do saber. Possui o Curso de auditor de Defesa Nacional, com a classificação final de 18 valores.

Arquivista Ativista: Formas Poéticas de Desaprendizagem

João Xarope (Investigador Independente)

Pretendo apresentar uma comunicação sobre o processo de criação do projeto ARR - Arquivo Rural Regional, no qual assumo a figura do "arquivista ativista". O projeto configura-se como uma obra de ativismo artístico assente num arquivo rural regional vivo, cocriado com as comunidades locais, orientado para a preservação de saberes e práticas em risco de desaparecimento, a formação prática de jovens em multimédia e a produção de valor económico local e impacto social mensurável através de modelos educativos e digitais regenerativos. A partir da memória coletiva, a proposta explora também a relação entre memória e poder no contexto do Estado Novo, numa perspetiva intergeracional, recorrendo à escrita criativa e à oralidade para problematizar as lógicas de autoridade do regime salazarista - "quem manda", "quem faz" e "quem obedece".

João Xarope é artista audiovisual e investigador, com uma prática situada na interseção entre poesia, agroecologia e comunicação. Desenvolve trabalhos centrados na experimentação não formal, na recusa do virtuosismo e na investigação crítica das materialidades da linguagem. O seu percurso explora formatos híbridos, como videopoema e poesia performativa, em contextos artísticos e independentes, com especial interesse nas relações entre arquivo, corpo, forma política e circulação não normativa da criação poética..

O caso do Sr. Lopes: Derrisão poética do autoritarismo cotidiano na poesia e teatro de João Luís Barreto Guimarães

Kateřina Ritterová (Univerzita Palackého Olomouc)

A apresentação abordará a evolução da personagem Sr. Lopes, criada por João Luís Barreto Guimarães, que transita da poesia para o teatro, representando um dispositivo estético de desautoritarismo. O Sr. Lopes é caracterizado como um indivíduo medíocre que ocupa um cargo para o qual não tem competência. Apesar disso, é preciso respeitá-lo porque tem poder para melhorar ou piorar a vida daqueles que dele dependem. A forma proposta para lidar poeticamente com este tipo de personagem é a ironia, que nos conduz a um desautoritarismo estético. Este manifesta-se na utilização da ironia como método que dessacraliza o discurso poético elevado ao confrontá-lo com a mesquinhez burocrática e a mediocridade da personagem. A expansão do poético opera também pela transição do Sr. Lopes da poesia para o teatro, ultrapassando assim os limites da linguagem verbal. Esta passagem materializa precisamente uma expansão para além do verbal, uma vez que o “jogo de anca”, as “combinações” e o “dividir para reinar” são fundamentalmente gestuais e performativos. O poético incorpora assim a dimensão corporal, a espacialidade hierárquica, a relacionalidade expressa nas redes de favores e o silêncio cúmplice que permeia estas dinâmicas de poder. O Sr. Lopes, enquanto herdeiro de vestígios da ditadura e da cultura do favor, materializa um autoritarismo difuso e micro-fascista que persiste nas estruturas quotidianas. O dispositivo desautoritário propõe a resistência através da palavra e duma democratização radical do poético que apaga a autoridade autoral, ridiculariza o sublime e expande o poético para gestos e relações que excedem o verbal, transformando a poesia num instrumento de crítica social

e de reconhecimento das estruturas de micropoder que moldam a experiência humana contemporânea. O Sr. Lopes revela-se, afinal, um arquétipo universal que poderia chamar-se Smith, Dubois ou Novák – cada cultura tem o seu Sr. Lopes.

Kateřina Ritterová doutorou-se em Literaturas Românicas na Faculdade de Letras de Brno. Trabalha como professora assistente no Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras de Olomouc, onde se dedica ao ensino da literatura portuguesa, da teoria da literatura e da tradução. Atualmente, está particularmente focada na questão da escrita feminina, especialmente no tópico da imagem da infância como ponto de partida para a formação da identidade feminina. Os seus trabalhos mais recentes incluem artigos dedicados à obra de Adília Lopes e à de João Luís Barreto Guimarães. É também tradutora de poesia portuguesa, ultimamente de João Luís Barreto Guimarães.

A “Ode triunfal” como gesto performativo de profanação da lírica moderna

Priscila Bosso Topdjian (UNIRP / UNESP)

Nesta comunicação, proponho uma leitura performática parcial e uma análise crítica da “Ode triunfal” (1914), de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Dada a extensão do poema, será lida apenas uma parte inicial, de modo a evidenciar seus efeitos de intensidade, aceleração e saturação. O objetivo é explorar o potencial performativo do texto durante a leitura, compreendendo-o tanto como experiência sensorial quanto como conjunto de procedimentos poéticos que convocam modos específicos de enunciação, escuta e afetação do ouvinte/leitor.

Parte-se da hipótese de que a “Ode triunfal” mobiliza estratégias formais como excesso verbal, ritmo acelerado, onomatopeias, repetições e sintaxe hipertensiva, produzindo efeitos de intensificação sensorial e corporal que aproximam a leitura e a escuta de uma experiência limitrofe entre canto, ruído e colapso. Nesse sentido, a leitura performática evidencia a materialidade sonora do poema e seu caráter de transbordamento expressivo. O trabalho tem como aporte teórico e crítico o ensaio de Martin Heidegger (2012), “A questão da técnica”; a obra de Eduardo Lourenço (1981), *Fernando Pessoa revisitado: leitura estruturante do drama em gente*; o ensaio de Friedrich Schiller (1991), “Poesia ingênua e sentimental”; e *Profanações*, de Giorgio Agamben (2007). A leitura de Agamben permite compreender o excesso expressivo do poema como gesto de profanação da linguagem técnica e normativa, pois, ao tensionar os limites da enunciação, a poesia de Campos reintegra a linguagem ao uso comum, rompendo com hierarquias e legitimidades modernas. À luz de Heidegger, a técnica revela o mundo como recurso, e o poema encena criticamente essa captura. Assim, esta comunicação propõe apresentar a “Ode triunfal” como espaço de confronto simbólico com os dispositivos normativos da modernidade, valorizando seu efeito performativo na leitura e na escuta e sua capacidade de tensionar os limites da lírica moderna.

Priscila Bosso Topdjian é formada em Letras (Inglês) e Jornalismo, com mestrado em Estudos Literários pela UNESP (2021). Atualmente, realiza doutorado sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, após aprovação em primeiro lugar no PPG Letras da UNESP, com bolsa PDSE/CAPES, na área de Teoria e Estudos Literários. Desde 2019 é professora titular de Literatura Brasileira e Filosofia na UNIRP (Centro Universitário de Rio Preto) e, em 2023-2024, atuou como professora substituta de Poesia Brasileira I e II na UNESP. É autora do livro de poemas *entrenuens*, premiado com o Prêmio Nelson Seixas (2023).

Manuscritos exumados: a leitura como reação

Leonor Carneiro Dias (Univ. Porto)

A leitura, como modo de comunicação, obriga à renúncia do mundo, por instantes. No contexto português, *Branca de Neve* (2000), de João César Monteiro, é caso excepcional de desafio das convenções de projeção, como já tinha sido feito, ainda que de outro modo, no filme *Le Camion*, de Marguerite Duras (1977). Em 2023, o encenador argentino Guillermo Cacace apresenta *Gaviota*, de Tchekhov (1896), dispondo uma mesa no centro do palco, com cinco atrizes que leem, dialogam e «interpretam» personagens femininas e masculinas, com os espectadores em torno delas. A metateatralidade, já inscrita no texto de partida, é partilhada entre aqueles que ali se encontram, reconduzindo uma peça do teatro íntimo a uma leitura partilhada. Por um lado, o título e o texto não deixam dúvidas acerca da autoria ou, como diria Blanchot: «[A] leitura verdadeira nunca põe em questão o livro verdadeiro; mas também não é submissão ao “texto”» (1955: 282). Por outro lado, uma peça lida torna-a aparentemente insubmissa a movimentos anteriores e a um diálogo pré-determinado. Porém, Judith Butler propõe que o corpo é em si mesmo dramático, matéria continua e incessante manifestação de possibilidades. Partindo da teoria feminista e de outros autores como Derrida, Blanchot, Barthes e Foucault, propõe-se questionar: é possível apagar o significante através da leitura de corpos distintos, relegando-os a um «significado transcendental» (Derrida 1967: 24)? Será a leitura a origem que tenta recuperar o sujeito no interior de um tempo já institucionalizado (Foucault 1966: 370), capaz de transformar um clássico em «incidentes pulsionais» (Barthes 1973: 85)? Se a linguagem mimética é a linguagem do falocentrismo, a leitura de textos fantasmáticos (Butler 1993: 74) desafia a aparência e a realidade, ou, por outro lado, demonstra corpos «genderizados»?.

Leonor Carneiro Dias é licenciada em Literatura e Estudos Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Colaborou no departamento de edições do Teatro Nacional São João, atuou com a companhia Astro Fingido e encenou teatro infantil.

Mestranda em Estudos Literários, Culturais e Interartes, especializa-se em Estudos Comparatistas, sendo as suas áreas de interesse a teoria da literatura, literatura comparada, estudos feministas e interseccionais, pós-coloniais e ecocrítica..

Bodies made of mud: Necro-Ecology, Intermedial Indisciplinarity, and De-Authoritarian Poetics in Deborah Colker's *Cão sem plumas*

Kathryn Bishop-Sanchez (University of Wisconsin-Madison)

This study proposes *Cão sem plumas* (2017), Deborah Colker's adaptation of João Cabral de Melo Neto's homonymous poem, as a paradigmatic instance of de-authoritarian poetics – artistic practices that unsettle hierarchies governing linguistic legitimacy, choreographic authorship, and cultural authority. While the choreography takes *Cão sem plumas* (1950) as its anchor, it also draws on Cabral's *O Rio* (1954), whose account of the Capibaribe's wounded life deepens Colker's engagement with drought, cracked terrain, and the material conditions shaping the river's marginalized communities. Interweaving these texts, the work activates a river archive not through representation but through encounter: dancers slip in mud, stiffen into dryness, and register ecological and social precarity in both flood and scarcity. The analysis draws on scholarship attentive to ecological exposure and material memory – Achille Mbembe's necropolitics, Elizabeth Povinelli's geontologies, Rob Nixon's slow violence, Cecilia Neimanis's hydro-bodily entanglement, and Kristina Lyons's understanding of soil and mud as living processes. These frameworks illuminate how Colker transforms Cabral's poems into a somatic counter-archive, generating bodies that absorb environmental histories rather than depicting them. Developing this reading, the article introduces the notion of the poetic-political body-document: a body functioning as both poetic text and political testimony. Rather than representing the river, dancers enact a becoming-river, becoming-crab,

becoming-bare life that resonates with posthuman and decolonial ecologies across the Global South. Ultimately, *Cão sem plumas* shows how poetry gains critical force when it becomes material – when it moves through mud, cracked earth, and shared vulnerability (in Butler’s sense). Through this intermedial practice, Colker reimagines poetic authority by placing embodied exposure at the center of ecological and social critique.

Kathryn Bishop-Sanchez é Professora Catedrática de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade de Wisconsin–Madison, USA, e editora executiva da *Luso-Brazilian Review*. As suas áreas de investigação abrangem a literatura, o cinema e os estudos de performance no espaço lusófono. É autora de *Utopias Desmascaradas* (INCM, 2008) e *Creating Carmen Miranda* (Vanderbilt, 2016), e coeditora de *Performing Brazil* (Wisconsin, 2015). Concluiu recentemente um estudo sobre performatividade indígena no Brasil e desenvolve actualmente um novo projecto dedicado às relações entre lama, memória e práticas materiais no contexto brasileiro.

Ler-escrever *Espécies de Espaços*: desautoria e in(ter)disciplinaridade

Vitória Bueno (U. Porto)

Espèces d'espaces, de Georges Perec (1974), é um livro situado no limbo incategorizável entre ensaio e poesia, traçando um pensamento poético-crítico do modo como vemos e vivemos os espaços do cotidiano. Questionando como «aquilo que chamamos de cotidianidade não é evidência, e sim opacidade: uma forma de cegueira, um modo de anestesia», o livro propõe-se à des-aprendizagem dos «vários pequenos pedaços de espaço» que nos circundam. Com uma leveza inteligente, elabora uma taxonomia do banal, dessa «[s] ucessão de clichês» e incita-nos a «v[ê-los] da maneira mais rasa». A composição da obra lembra a estrutura de uma matrioska: traça um itinerário indicativo em crescendo que vai da página (passando por cama, quarto, apartamento, etc.), ao espaço. A sua escrita realiza-se nesse encaixe, assim como na diversidade formal e teleológica dos fragmentos que, às vezes dentro de uma mesma seção, se articulam operando saltos e cortes. No início do livro, Perec admite: «Provoco brancos, espaços (saltos de sentido: descontinuidades, passagens, transições).» Dai que o texto urja uma leitura ativa e até constitutiva: é um texto para ser usado, como um manual. Não surpreende, então, que *Espèces d'espaces* já tenha inspirado diálogos nos mais variados domínios artísticos e extra-artísticos, incluindo o teatro, a música, o cinema, as artes plásticas, o design, a arquitetura e a moda. Ao examinar o dinamismo e plasticidade desta obra, pretendemos investigar de que maneira ela desafia noções de autoria, tornando-se obra “saqueável”, reciclável, quase mitológica, de modo que cada um pode proclamá-la sua.

Vitória Bueno nasceu no Rio de Janeiro, em 2004. É mestranda em Estudos Literários, Culturais e Interartes, no ramo de Estudos Comparatistas, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem fortes ligações com o estudo da língua e da literatura de expressão francesa. Participou em julho de 2025 do programa intensivo De la frontera.

Passage des frontières et limites de l'interprétation, ao abrigo do projeto europeu Reading Communities, Shaping Identities. Atualmente, integra o júri do Choix Goncourt du Portugal 2026. Na sua investigação, interessa-se principalmente pela relação entre espacialidade e memória na escrita literária e nas suas intersecções com outras artes; pelas fronteiras entre ficção e autobiografia; e pela tradução como fenómeno intra- e interlinguístico. Também desenvolve um trabalho autoral de escrita literária.

Quem fala quando ninguém assina? Poesia artificial, performatividade e desautoritarismo estético

Andreia Oliveira (Univ. Aveiro / CLLC)

Esta comunicação propõe uma reflexão crítica sobre a poesia gerada por sistemas de Inteligência Artificial, entendendo-a como um espaço de desautoritarismo estético que problematiza os regimes de autoria, intencionalidade e legitimidade do discurso poético contemporâneo. Ao deslocar o gesto criativo para uma zona de indeterminação entre sujeito humano e dispositivo técnico, a poesia artificial contribui para a desestabilização de categorias centrais da modernidade literária, expondo os seus fundamentos normativos e hierárquicos, nomeadamente os que se associam à função-autor e à soberania do sujeito criador.

O enquadramento teórico articula as noções de performatividade (J. L. Austin, Judith Butler) e de política da arte (Jacques Rancière), bem como a reflexão em torno do dispositivo e da assinatura (Giorgio Agamben), permitindo compreender a produção poética mediada por IA não como mero efeito tecnológico, mas como prática discursiva e estética com implicações políticas. A diluição da autoria e a ausência de uma instância soberana de enunciação são aqui analisadas enquanto dispositivos críticos que questionam a autoridade do sujeito criador e os mecanismos de legitimação simbólica que estruturam o campo literário, no sentido proposto por Michel Foucault e Pierre Bourdieu. A análise incide sobre um conjunto de textos poéticos gerados por IA no contexto de projetos experimentais recentes, evidenciando recorrências formais como o pastiche, a repetição, o excesso e o cliché, características que são lidas como formas de indisciplina estética que confrontam a economia do valor literário, os critérios de originalidade e as retóricas de autenticidade associadas à poesia de autor.

Sustenta-se, por fim, que a poesia artificial pode ser pensada como um gesto crítico que

reconfigura o estatuto do poético e amplia o seu campo de ação, mostrando uma rutura simbólica com os dispositivos normativos da linguagem, da autoria e da autoridade cultural.

Andreia Oliveira é Doutora em Literatura de Língua Portuguesa: investigação e ensino pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2021). É investigadora do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (Univ. Aveiro). Desenvolve investigação nas áreas da literatura portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, com particular enfoque em literatura produzida por mulheres, censura, género, sexualidades, autoria e marginalidade. Integrou projetos financiados pela FCT, entre os quais Novas Cartas Portuguesas – 40 anos depois e Sexualidades e Género nas Literaturas Africanas e de Língua Portuguesa. Inclui ainda, entre as suas áreas de estudo, a investigação sobre poesia e Inteligência Artificial, numa perspetiva crítica e comparatista.

Poesia por outros meios: o jogo-ação surrealista

Ana Marques (Univ. Coimbra / CLP)

A presente proposta de comunicação tem como objeto o jogo na teoria e na prática do Surrealismo, entendendo-se o jogo enquanto categoria estética, enquanto performance artística e enquanto ação política. Esta tripla articulação será ancorada no tropo como se, tal como teorizado por Johan Huizinga, e no conceito de ritual, na teorização de Roger Caillois, e será aplicada à análise de um conjunto de jogos desenvolvidos por diferentes grupos surrealistas europeus, muitos dos quais ainda ativos. Com esta reflexão pretende-se, por um lado, evidenciar a vocação performática do jogo e, por outro, evidenciar a coerência entre estética e política no jogo Surrealista.

Ana Marques é doutorada em Materialidades da Literatura e investigadora integrada do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. A sua investigação tem incidido sobretudo nas poéticas algorítmicas e na retórica da automação. Os seus interesses incluem também as vanguardas históricas e o modernismo português. É membro do MATLIT Lab – Laboratório de Humanidades.

A Poesía Periférica de Sérgio Vaz

Ana Belén Gutiérrez Puente (U. Vigo / BiFeGa)

A Poesía Periférica de Sérgio Vaz, es una obra que reivindica la voz de las comunidades marginadas de Brasil y demuestra cómo la poesía se convierte en un instrumento de transformación social. Vaz sostiene que la literatura no debe ser un privilegio de círculos académicos, sino un medio accesible para expresar la vida en la periferia: sus alegrías, conflictos, sufrimientos y esperanzas. Esta visión se concreta directamente en sus poemas, que reflejan la cotidianidad de quienes viven en contextos de exclusión, utilizando un lenguaje cercano, coloquial y potente que conecta con la experiencia real de la comunidad.

Los versos de Vaz permiten que la poesía no solo se lea, sino que se viva: se recita en saraus, se comparte oralmente y se convierte en un acto colectivo. A través de estas lecturas, se evidencia la dimensión política y social de la literatura periférica: denuncia la violencia, la desigualdad y la discriminación, al mismo tiempo que celebra la identidad, la cultura popular y la solidaridad entre vecinos y amigos. Cada poema funciona como testimonio y resistencia, mostrando cómo la estética y la política se entrelazan en la construcción de un discurso auténtico y transformador.

Al recitar versos significativos de *A Poesía Periférica*, se percibe cómo la palabra poética se convierte en un puente entre el arte y la vida cotidiana, un canal para dar visibilidad a quienes rara vez son escuchados. La fuerza de estos versos radica en su capacidad de emocionar, denunciar y generar conciencia, haciendo tangible la realidad de la periferia brasileña. Así, la obra de Sérgio Vaz no solo se lee, sino que se experimenta, recordándonos que la poesía puede ser un acto de resistencia y de afirmación cultural.

Ana Belén Gutiérrez Puente Licenciada en Periodismo por la Universidad Complutense de Madrid y en Teoría de la Literatura y Literatura Comparada por la Universidad de Granada, completó su formación con un Máster en Estudios Literarios y Culturales en la Universidad de Santiago de Compostela y un Máster en Literatura Brasileña en la

Universidad de Rio Grande do Sul, especializada en lírica modernista. Realizó una estancia Erasmus en Coimbra y prácticas en radios y medios locales. Su carrera se centra en la poesía, especialmente el verso libre y la poesía femenina contemporánea, participando en recitales, organizando Micro-abiertos y homenajes a Gata Cattana, y desarrollando la tesis "Luz Fandiño, unha verba eterna". Su obra refleja amor por la vida, la naturaleza, la escritura, la fotografía y los viajes.

Caleidoscópios da fronteira: A experiência migratória em *De uma a outra ilha*, de Ana Martins Marques

Maria Eduarda Miranda Paniago (Univ. Lisboa / CECComp)

Para a poeta brasileira Ana Martins Marques, a poesia é um “dispositivo de pensamento”. Em seu último livro, *De uma a outra ilha* (2023), o tema da imigração está no núcleo deste pensar. A obra tem como centro gravitacional criativo a mítica ilha de Lesbos, na Grécia. Terra da poeta Safo, autora de alguns dos grandes poemas de amor da literatura ocidental, a ilha adquire outras simbologias atualmente, sendo o destino paradisíaco de muitos turistas e, ao mesmo tempo, um dos pontos geográficos pelos quais milhares de migrantes tentam chegar à sonhada Europa. Cruzando essas três diferentes perspectivas sobre a ilha, a autora se posiciona como uma espectadora/leitora da atualidade, oferecendo diferentes olhares sobre os deslocamentos territoriais, de modo a questionar noções pré-estabelecidas que parecem cada vez mais frágeis em nosso tempo, como fronteiras nacionais, pertencimento e cidadania. Assim, a migração é retratada como uma experiência subversiva: observamos nos poemas o aceno para “a possibilidade de um mundo configurado de outro modo” que, conforme Dontella di Cesare formula em *Estrangeiros residentes* (2020, p. 26), caracteriza a prática migratória. Numa tentativa de (re-)humanizar as pessoas migrantes, vistas tantas vezes como objetos descartáveis, os leitores são chamados a ocuparem também o papel de testemunhas da barbárie, num convite ao abandono da passividade normalizadora e à entrega ao estranhamento que leva ao questionamento e à ação.

Nesse sentido, esta comunicação pretende, à luz de conceitos como Relação, de Édouard Glissant (1990) e exilância de Alexis Nouss (2019), analisar como a experiência da migração é trabalhada poeticamente no livro e quais respostas ou novas perguntas ele soma aos debates sobre as atuais crises migratórias pelas quais a humanidade vem passando.

Maria Eduarda Miranda Paniago é investigadora de Doutorado no Centro de Estudos Comparatistas da ULisboa. É mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), tendo estudado as figurações líricas do exílio na obra de Manuel Alegre, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). cursou a licenciatura em Letras (Português e Francês) também na USP, onde desenvolveu uma pesquisa de Iniciação Científica sobre o tema da intertextualidade camoniana na poesia portuguesa contemporânea. Dentre seus interesses acadêmicos, estão as literaturas de exílio, a poesia contemporânea e as reescritas do cânone literário.

Nos ossos da lei: A poética forense de M. NourbeSe Philip

Erika Rodrigues (U. Porto / IF)

Analisar-se-á, nesta comunicação, o poema fragmentário *Zong!* (2008), de M. NourbeSe Philip, explorando o modo como a autora canadiana desfaz o idioma colonial do documento que regista, sem o reconhecer, o massacre de centenas de pessoas africanas, em 1781, atiradas ao mar de um navio negreiro britânico (texto jurídico de 1783, decorrente do processo *Gregson vs Gilbert* por fraude no seguro, devido ao pedido de indemnização pela “carga perdida”). No âmbito deste trabalho, pensar-se-á a poética forense de NourbeSe Philip enquanto um modo de desobediência à produção da linguagem jurídica colonial, bem como dos seus efeitos de verdade. Perspetiva-se, assim, a maneira como a autora faz emergir o silêncio dos corpos humanos obliterados pelo documento oficial, através da desarticulação, do recorte e de um método de fragmentação das palavras do corpo textual da lei. Pretende-se apresentar uma aproximação às formas intersticiais (sons, pausas, cortes e ritmos) presentes no poema, compreendendo-as como a materialização das instâncias subjacentes ao edifício da língua, que resistem à gramática hegemónica de institucionalização do apagamento. Neste sentido, propõe-se uma problematização dos instrumentos de modulação jurídica dos discursos, que colocam em causa os dispositivos semânticos de produção da memória, do arquivo e das condições de possibilidade da existência.

Erika Rodrigues é investigadora, membro integrado do Aesthetics, Politics and Knowledge Research Group, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, e membro do comité editorial do *Espace Maurice Blanchot* (França). Publicou o livro de poesia *Genealogia das aves tectónicas* (Edições Flâneur, 2024) e o estudo *Da insuportabilidade da escrita. Uma questão filosófico-literária no pensamento de Maurice Blanchot* (Coleção Estética, Política e Artes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2023).

A poesia “religiosa” de José Saramago: irreverência, marginalidade e utopia

Vanda Fernandes Gouveia (Univ. Vigo / BiFeGa)

Entrevistado por Carlos Reis, José Saramago assume que a sua poesia foi o início de uma tentativa de se “explicar”, isto é, de mostrar a genuinidade do seu pensamento, filosofia e credo. Explicita que nos versos “sinceros” já está “tudo”, sendo essas primícias poéticas uma “espécie de prólogo” para o género romance que, posteriormente, o transformou num escritor conhecido à escala global (Reis 2015). Efetivamente, as narrativas saramaguianas são obras literárias onde se projetam, numa reunificação de todos os géneros, as preocupações existenciais do autor, como o próprio Nobel referiu. Nessa aturada busca de sentidos, a questão religiosa é um tema marcante da reflexão autoral que, à margem das narrativas canónicas posteriores – *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim* –, se encontra singularmente presente nas suas primícias poéticas. Modelar o corpo da palavra inadiável com “segurança e consciência” (Saramago 2005) foi não só um processo encantatório e marginal na sociedade portuguesa, manipulada pelo discurso político e religioso, mas também, e sobretudo, o dealbar de um resiliente compromisso ético que se desvela ao leitor atento no singular legado da escrita literária. Assim, a poesia de cariz religioso de José Saramago, intensa, desassossegada e marginal, apresenta, sob o signo da dúvida questionadora, a crítica à tradição patriarcal, escudada na esfera dogmática da auctoritas religiosa. O poema, discurso poético secularizado, interroga o silêncio hostil da divindade, denunciando a violência, o fanatismo e a intolerância entre os homens. Voz dessacralizadora e irreverente, cada poema saramaguiano é um grito marginal, um rasgo de angústia, ou canto despuadorado que se consubstancia em versos “sinceros”. Através dessa acutilância poética e político-filosófica, perpassa uma peculiar visão do sagrado e do humano e, através dela, a utopia da religação do homem ao homem, nessa demanda da possível e desejada salvação messiânica da humanidade que foi a poesia e a escrita romanesca do Nobel português.

Vanda Fernandes Gouveia é doutorada em Estudos Literários pela Universidade de Vigo, Faculdade de Filologia e Tradução – “Do Desencantamento ao (re)encantamento do mundo: a questão religiosa no romance de José Saramago”. Investigadora do grupo BIFEGa na Universidade de Vigo desde 2020. Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, pela Universidade Católica Portuguesa de Braga, em 1996, sendo a dissertação publicada em 2008 (“O discurso religioso em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* de José Saramago”). Professora de Português e de Literatura Portuguesa no Ensino Secundário, formadora de professores na Direção Regional de Educação da Região Autónoma da Madeira.

Performing Resistance: Ecological Performance Art in Contemporary China

Maciej Szatkowski (Nicolaus Copernicus University)

In the face of the escalating climate crisis, performance art in China has emerged as a space for both artistic experimentation and political resistance. Increasingly, Chinese artists are exploring the major questions of the Anthropocene, such as climate change, loss of biodiversity, environmental degradation, and water scarcity, addressing them not through didactic narratives but through affect, emotional intensity, and visual metaphor.

Figures such as Brother Nut, Zhang Huan, Wang Jiuliang, and Song Dong use the performative to process and articulate the complex relationship between humans and the planet, transforming art into a form of ecological protest. In a society marked by strict control and censorship, ecological performance becomes a subtle yet powerful act of de-authoritarianization, challenging both environmental injustice and the ideology of capital-driven development that mostly harms marginalized groups such as migrant workers.

Emerging since the 1990s, Chinese ecological performance sometimes draws on the notion of *kuxing* (苦行), the practice of endurance and self-discipline, as a spiritual and corporeal gesture of resistance. In the presentation, I introduce my own conceptual framework, the “hereutic matrix”, designed to classify ecological performance practices in China while considering the specific cultural and political conditions under which artists operate. This framework shows how performance, beyond its aesthetic dimension, functions as an act of resistance that confronts both environmental destruction and authoritarian power.

Maciej Szatkowski graduated in Chinese Studies. In 2016, he received a PhD in the Humanities with a dissertation on Meng Jinghui’s works at Warsaw University. He is

the Director of the Center for Chinese Language and Culture and the Deputy Director of the Institute of Cultural Studies at Nicolaus Copernicus University. He has translated several modern Chinese dramas and poems into Polish. His research fields include postmodern drama, contemporary Chinese literature and culture, and contemporary Anthropocene art.

The Ground of Action Behind Tradition: The Mevlid Performance and the Spirit of Resistance

Kübra Yeşilkaya (University of Istanbul / Afyon Kocatepe University)

This study examines the *Mevlid* (*Vesîletü'n-Necât*), a canonical work of Turkish literature that, despite being written in the 15th century, has continued to circulate across centuries, transforming into a vocal ritual and a distinctive performative practice. In composing the work, Süleyman Çelebi initiated a vitalist, life-affirming mode of resistance centered on the jubilation surrounding the Prophet's birth, countering the "mourning and melancholy"-oriented theologies of both the East (Shi'i/Mahdi) and the West (Christian/Messiah). This "manifesto of vitality" later evolved into a political survival strategy in the aftermath of the Battle of Ankara (1402), a moment of profound political rupture for the Ottoman polity. *Vesîletü'n-Necât* can thus be read not merely as a "birth narrative," but as an interdisciplinary form of poetry-performance that constitutes a community, unifying it through affect and embodied practice. Across its historical trajectory -from the medieval period to the imperial era, and from modernization to the nation-state- the text has continuously functioned to sustain popular religious sentiment and collective memory within the people-religion-authority triad. The paper discusses how the *Mevlid* became a site of "civil resistance" against authoritarian regimes in the post-Ottoman geography, particularly in the Balkans and Turkey. Within communal ritual practice, the *Mevlid* has generated a locus of civil resilience; Muslim communities have sustained their religious identity through this poem -which is not a canonical scriptural source- despite sociopolitical constraints. Today, the *Mevlid* endures as a vocal, embodied, and cultural memory that resists both the secularizing forces of modernity and the "text-centric" rigidity of puritan/Salafi movements. This presentation situates the *Mevlid* precisely within the framework of "de-authoritarian" and "interdisciplinary performative poetry," as emphasized in the conference call.

Kübra Yeşilkaya is a PhD candidate in Turkish-Islamic Literature at Istanbul University and a Research Assistant at Afyon Kocatepe University. Her background in Theology enables her specialization in the complex relationship between religion and literature, focusing on the structural analysis of classical Ottoman poetry and narrative forms. Her academic interests are concentrated on religious and Sufi themes in early Islamic literary traditions and the cosmological elements in medieval mathnavis. Her current work specifically investigates how traditional poetry is transformed into de-authoritarian performance practices.

Alguém que será muitos, falará: O Cânone poético, o Feminino e Vozes Periféricas em *A Génesse do Amor*, de Ana Luísa Amaral

Mário Ribeiro (Univ. Porto)

O que seria o cânone poético? E quem consideraríamos como um poeta canónico? Certamente estas questões levar-nos-iam a poetas como Dante, Petrarca ou Camões; poetas separados pelo espaço geográfico e o tempo histórico. Mas e se isso não fosse um impedimento? E se os poetas pudessem dialogar entre si? E o que seria das musas que evocam? Seriam elas as donas da sua própria voz ou estariam condenadas ao silêncio, eternos objetos de amor dos poetas? Este trabalho consistirá na análise da coletânea poética *A Génesse do Amor* (2005) de Ana Luísa Amaral e de como os seus poemas de amor tecem não apenas um trabalho de comparação poética entre os autores acima mencionados, mas também como a própria autora analisava e dialogava com o cânone poético, mais especificamente a poética amorosa. Primeiramente, irei fazer uma breve introdução sobre o que é o cânone, de como a autora o analisa dentro da sua obra e como analisa os poetas que evoca. Numa segunda secção, irei analisar como Ana Luísa Amaral evoca a figura feminina nos poemas d' *A Génesse do Amor*, através das musas dos poetas (Beatriz, Laura e Natércia, respetivamente). E, numa terceira secção, irei analisar como estas vozes femininas surgem, nos poemas de Amaral, como vozes periféricas que falam, nas suas próprias palavras, sobre o que é o amor, seja em diálogos entre elas próprias ou em diálogos com os respetivos poetas.

Mário Ribeiro é um investigador português e realizou o seu percurso académico na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde se licenciou no curso de

Línguas, Literaturas e Culturas, em 2021. Em 2024, obtive o título de mestre no Mestrado de Estudos-Anglo Americanos, com a dissertação "Uma Terra de Sangue, Homens e Cavalos: Identidade e Violência em *All the Pretty Horses* (1992) de Cormac McCarthy e *The Power of the Dog* (1967)". Após o mestrado trabalhou, em 2025, com a Universidade Jean Monnet (UJM), como professor leitor no Département de Langues Etrangères Appliquées (LEA).

“Estou cansada de ser homem”: Subversão e performance de gênero em Ana Cristina Cesar

Rafaela Schmidt (Univ. Porto)

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da potencialidade de dissolução do binário masculino-feminino através da performance de gênero em *Cenas de Abril* (1979) de Ana Cristina Cesar, no qual a autora utiliza os diários íntimos como recurso poético. Sob esta luz, observa-se o sedutor jogo de intimidade com o leitor que passaria a configurar, paradoxalmente, um desfazamento com a identidade da autora suposta. Levando em consideração a performatização do sujeito poético em um gênero literário convencionalmente atribuído ao discurso privado e ao feminino, o trabalho propõe analisar como a voz poética de Ana Cristina Cesar utiliza esta ferramenta como potência subversiva dos papéis normativos de gênero. A análise é formulada a partir da concepção de performance de gênero de Judith Butler (1990) em conjunção aos textos teóricos de Maurice Blanchot (1959), Roland Barthes (1984), Nora Catelli (2007) e Hélène Cixous (1975) e as críticas literárias da obra de Cesar por Viviana Bosi (2013), Carlos Pereira (1981), Heloisa Teixeira (1984) e Flora Sússekind (1985).

Rafaela Schmidt é atualmente estudante de licenciatura no curso de Literatura e Estudos Interartes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, coordenadora do Departamento de Comunicação Visual do núcleo de estudantes NELEI e ativista social no coletivo LGBT Porto Inclusive. Tem interesse particular na literatura por mulheres e pelos estudos queer e feminista e escreve sobre a experiência lésbica para a newsletter *Lesbocêntrica* no Substack.

Gambiarra Chic: Estética de transição na música de Irmãs de Pau

João Pedro Oliveira Reis (Univ. Porto)

Neste trabalho, proponho uma análise da representação das vivências da comunidade travesti negra e periférica no álbum *Gambiarra Chic pt.2* (2025), da dupla de funk eletrônico Irmãs de Pau, enquanto dispositivo performativo de reinscrição da comunidade travesti no espaço global. Primeiramente, recorrerei ao conceito de *camp*, como sistematizado por Susan Sontang, conjugando com a noção de *critical camp*, definida por David Carrier como a instrumentalização política e subversiva da sensibilidade estética de *camp*, de modo a enquadrar a paródia e subversão do discurso autoritário. Neste sentido, valendo-me de exemplos particulares, pretendo demonstrar de que forma a sensibilidade *camp* opera a três níveis na prática performática da dupla:

- Como ato de subversão da noção de "natural", particularmente, da naturalização das noções de género, sexo e corpo;
- Como ato performativo e experiência estética assente na extravagância, no artifício e na teatralidade, sendo, por isso, desprovido de seriedade;
- Como expressão artística e estética que opera na base de um universo de referências culturais conhecido por uma comunidade restrita, neste caso a comunidade queer;

Finalmente, particularizando a análise no álbum proposto, pretendo demonstrar de que modo a dupla contraria o entendimento de um não-lugar (o aeroporto), como descrito por Marc Augé, adotando-o como elemento estético central na significação do álbum. Assim, o aeroporto, precisamente por ser um espaço de transição, apresenta uma oportunidade de inscrição da identidade travesti, tanto como representante da experiência travesti (através, por exemplo, dos procedimentos de segurança aeroportuária), como afirmante da identidade (a presença da dupla no aeroporto é uma reflexão do lugar social conquistado).

João Pedro Oliveira Reis Licenciado em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP). Estudante de 1º ano da licenciatura em Literatura e Estudos Interartes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).

A língua à solta: Vozes indisciplinadas nas canções da periferia

David Calão (Investigador independente)

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a canção enquanto espaço privilegiado de afirmação e resistência de formas linguísticas vernaculares, locais ou não oficiais. Ao longo da história, práticas próximas daquilo que hoje designamos como “canção” funcionaram como lugares de disputa identitária e linguística, frequentemente a partir de posições periféricas. Partindo de exemplos históricos como a lírica grega arcaica – em particular Safo e Alceu, cujas composições eram executadas em dialetos locais – e do papel da cultura trovadoresca na afirmação das línguas românicas na Europa medieval, a apresentação sublinha a ligação estrutural entre oralidade, prática musical e resistência linguística.

No século XX, a canção assume um papel ambivalente. Por um lado, como sugere Bernard Stiegler (*Da Miséria Simbólica: I. A Era Hiperindustrial*, 2018), a canção gravada integra os dispositivos de captura das consciências próprios das indústrias culturais da sociedade hiperindustrial. Por outro, torna-se um espaço central de organização de contraculturas, que desenvolvem códigos estéticos próprios e sistemas alternativos de produção, circulação e legitimação, constituindo formas de indisciplina face ao centro hegemónico. Esta tensão ganha uma dimensão decolonial quando observamos os movimentos de resistência das línguas e dialetos locais em contextos colonizados, particularmente visíveis ao longo do século XX em diversas manifestações da música africana. Em paralelo, nas culturas urbanas contemporâneas, a canção afirma-se como lugar de enunciação de uma poética própria, associada à vivência concreta de comunidades marginalizadas, onde o crioulo, o carácter performativo do improvisado e a invenção lexical desempenham um papel central.

A comunicação argumenta que estas práticas musicais e poéticas, embora dialoguem

com os códigos das indústrias culturais, não lhes são subalternas, revelando a vitalidade persistente da canção enquanto forma poética oral capaz de introduzir ruturas nos sistemas culturais e linguísticos contemporâneos.

David Calão é mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2024), com a tese *Tower of Song: A estética literária da canção em Leonard Cohen*. Cronista, contista e dramaturgo, foi selecionado para o ciclo NOVe – Novos Tempos, Novas Dramaturgias (2024). Em 2025, foi autor do espetáculo *recorder*, pelo Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro. Coordena e modera, com Vítor Alves Silva, o ciclo de conversas *Fora do Armário*, dedicado à reflexão crítica sobre literatura e as outras artes.

A moura indisciplinada do fado

Sérgio das Neves (NOVA FCSH / IELT)

O desvio estético de Ana Moura, no seu último álbum *Casa Guilhermina* (2022), desautoriza a tradição do fado. Longe de uma ruptura absoluta ou simples actualização pop, esta transformação opera por destituição dos dispositivos que regulam a voz, o corpo e a relação com o cânone. No fado, a autoridade assenta num conjunto de instâncias relativamente estabilizadas, como a memória, a voz como veículo de um pathos codificado, a contenção corporal e a subordinação à tradição. A Ana Moura dos primeiros álbuns inscreve-se legitimamente neste horizonte. A recente viragem reinscreve o fado num campo indisciplinado, onde nenhuma instância detém soberania plena. Primeiramente, este gesto pode ser pensado à luz da partilha do sensível de Jacques Rancière, que assinala “l’existence d’un commun et les découpages qui y définissent les places et les parts respectives” (2000, 12). Debate sempre aceso é o de quem pode ocupar legitimamente o lugar de fadista, sob que condições vocais e dentro de que economia gestual. Propomos que o fado institui uma distribuição sensível da autoridade interpretativa. Atendendo na escrita e na roupagem musical, *Casa Guilhermina* hibridiza matrizes e introduz uma perturbação interna dessa partilha. Não abandona o fado; transforma-o em material passível de contaminação, recomposição e deslocamento. Trata-se menos de cantar o fado do que de fazer passar o fado pela voz como força entre forças. De seguida, ainda articulamos a potência destituente de Giorgio Agamben, para pensar a transformação estética do fado de Ana Moura como “an operation that deactivates and renders works [...] inoperative [...], opening them to a new possible use” (2014, 69). Sem negar ou celebrar a tradição como origem mas tornada inoperante enquanto instância normativa, o fado surge exposto a um uso, cuja autoridade é suspensa para que possa ser reactivado segundo novas lógicas de canto e escuta. As resistências a esta destituição serão sintoma da perda de autoridade de um regime estético que já não consegue garantir os próprios critérios de legitimação?

Sérgio das Neves Doutorando de Estudos Portugueses, da FCSH da Universidade Nova de Lisboa (IELT), com bolsa FCT, encontra-se a terminar a tese sobre alquimia e metáfora nas poéticas de Herberto Helder e Yvette Centeno. Frequentou a licenciatura em Teatro da Universidade de Évora, licenciou-se em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é mestre em Estudos Comparatistas pela mesma instituição. Não fugindo às suas raízes dionisiacas, é ainda actor e fadista.

Gisberta vive! Performance– identidade–profanação

Maria Leonor Figueiredo (Univ. Porto)

Quando um corpo se torna visível pelo olho da violência, o que é que o torna legível como vida? Que performance pode profanar o dispositivo autoritário da performance? Vinte anos depois da morte de Gisberta Salce, um regresso celebrante a *Indulgência Plenária* de Alberto Pimenta.

Maria Leonor Figueiredo é doutoranda em Estudos Literários Culturais e Interartes, com uma investigação sobre as implicações do discurso identitário no campo da arte. Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes (2014, FLUP) e em Práticas Artísticas Contemporâneas (2017, FBAUP). Publicou em 2015 o livro *Calma é apenas um pouco tarde: resistência na poesia portuguesa contemporânea*.

Excursos menores: língua coxa e performance vocal em *De nada* (Alberto Pimenta, 2012)

Hugo Milhanas Machado (U. Vigo / I Cátedra Internacional José Saramago)

Procurando explorar a tradição de mecanismos e desenvolvimentos do exercício poético instalado nos imperativos da experimentação e indisciplina de tipo formal e expressivo, o presente trabalho propõe como motivo de leitura e discussão o audiolivro *De nada*, de Alberto Pimenta, publicado em 2012 pela chancela BOCA, título fundamental na obra do autor português e robusta manifestação de uma trajetória artística única no contexto do universo literário português. Assim, considerando a natureza dual desta obra, articulando as formas, por um lado, de poemas escritos e dispostos em formato físico e, por outro, de poemas ditos e registados em suporte fonográfico de CD duplo, procuram-se ponderar as derivas e desvios tensionais interpeláveis na deslocação entre o suporte escrito e o sonoro, isto é, entre o verso escrito e o verso vocalizado, sondando inflexões e modulações resultantes desse transporte. Como fundamentos do processo de dobra vocal aqui articulado, comparecem motivos estruturantes como os de torção poética ou discurso marginal e, princípio íntimo, o posicionamento discursivo de uma língua pobre, coxa, menor, envios de uma preparada desaprendizagem que se impõem como vigorosas interpelações de discursos e produtos devidos às categorias de convencionalidade. Eis, pois, uma exploração criativa que vem habitar as margens do trivial, sabotando qualquer imposição ou autoritarismo, conduta permanente e inflexível na obra de Alberto Pimenta que a dupla realização escrita e vocal inscrita em *De nada* vem remeter a extremos de particular interesse e significação; excurso contracorrente, aliás, cabalmente sinalizado no subtítulo deste livro: *De nada – resposta e perguntas dum homem que pára na escada para que os que sobem acabem de subir e ele então acabe de descer*.

Hugo Milhanas Machado (Lisboa, 1984). Leitor de português na Universidade de Vigo e investigador colaborador da I Cátedra Internacional José Saramago da mesma universidade (2025-). Licenciado em Estudos Portugueses pela Universidade Nova de Lisboa (2006) e doutorado pela Universidade de Salamanca (2015) com a tese “Ruy Belo, a ver os livros. Ensaio na trajetória de uma obra poética”. Professor e investigador da Cátedra de Estudos Portugueses Universidade de Salamanca – Camões, I.P. entre 2006 e 2019 e do Centro de Línguas da Universidade da Corunha de 2024 a 2025. Autor literário e performativo em actividade desde 2005.

PERFORMANCE
PERFORMANCE

Já circulamos todas as feridas

[videoperformance]

Stephanny Lima (Artista independente)

A videoperformance, de aproximadamente 10 minutos, propõe um conjunto restrito de ações reiteradas, realizadas em diferentes lugares da cidade associados a uma relação já encerrada. Em cada um desses locais, a artista queima repetidamente a fotografia de uma ferida acidental em seu próprio corpo, ocorrida após o término. O gesto de destruição não é apresentado de forma contínua ou culminante: a imagem aparece apenas em estados descontínuos, antes e depois da queima, sem progressão narrativa ou promessa de encerramento, configurando um contra-arquivo fragmentário.

Paralelamente, a performance organiza-se a partir da leitura de um texto em prosa poética realizada por uma voz que não é a da artista. A palavra circula sem destinatário definido, lançada em espaços públicos marcados por apagamentos urbanos e pela persistência de nomes como último vestígio do que designavam. A voz da artista surge de forma deslocada, como ruído, em língua diferente da materna. A cidade aparece principalmente pelo topónimo de um córrego soterrado. Sempre que o nome desse córrego surge no enquadramento, o corpo da artista sofre uma queda abrupta, independentemente do espaço em que se encontre. A ação não pretende representar o rio nem simular a água, mas funcionar como uma interrupção automática diante da insistência do nome.

Entre voz, legenda, queda e destruição da imagem, a performance constrói um campo de insistências em que não há possibilidade de restituição da perda nem de equivalência simbólica direta entre texto e imagem, apenas a repetição de gestos que falham em fixar aquilo que já cessou.

Stephanny Lima é artista e musicista nascida em Belém do Pará, radicada em Belo Horizonte. Desenvolve uma prática que insiste no corpo, na memória instável, na ferida e na linguagem, investigando zonas de fricção e indistinção entre sonho e vigília. Seus projetos transitam entre poesia, intervenção e videoperformance, explorando repetição, gesto e voz como dispositivos principais de elaboração, com atenção a formas poéticas não convencionais.

« Nous avons UN DRAPEAU »

Gabriel Armellin (Université McGill)

EN

This poetic performance is a reenactment of a commemorative performance by the French poet Serge Pey created in honor of Basque people who saw their flags burned by the Spanish authorities. By playing with identities and words—where “drap” means “sheet” in French, and “peau” means “skin”—the combination of the two produces the word “drapeau” in French, the poet reexamines the implications of nationalism by claiming a transparent flag: that of poetry. A flag that does not like flags. The reenactment aims to reframe the question of identities with a commemorative and ethical purpose by adding the symbolism of the candle and fire, as places of human fraternity. The poem then becomes an open space for contemplation and community.

FR

Cette action poétique est une reconstitution d'une action commémorative du poète français Serge Pey faite en l'honneur de personnes basques qui ont vu leurs drapeaux brûlés par les autorités espagnoles. En jouant le jeu des identités et des mots – l'alliance des mots « drap » et « peau » produit le mot « drapeau » en français – le poète reconsidère l'implication des nationalismes en revendiquant un drapeau transparent : celui de la poésie. Un drapeau qui n'aime pas les drapeaux. La reconstitution vise à repositionner la question des identités avec une visée commémorative et éthique en ajoutant la symbolique de la chandelle et du feu, comme lieux de fraternité humaine. Le poème devient alors un lieu ouvert de recueillement et de communauté.

Gabriel Armellin est actuellement traducteur et doctorant en langue et littérature française à l'Université McGill à Montréal au Canada. Sa thèse vise à élaborer la notion de récitatif dans le contemporain à partir de la poésie performance. Ses intérêts de recherche portent sur les poétiques de la voix et les rapports interdisciplinaires entre performance, musique et littérature.

A História deita fora as suas garrafas vazias

Íris Moreira (Univ. Porto)

É possível ter acesso, através do arquivo da RTP, a um vídeo em que uma aglomeração de mulheres está à porta da residência de António de Oliveira Salazar a celebrar 31 anos do seu governo. Nestas imagens, que fixam uma memória Histórica, vêem-se milhares de mulheres, visivelmente eufóricas, em gritos de celebração. As câmaras de filmagem ocultam, por outro lado, outras tantas mulheres presas dentro das suas casas, submetidas às duras condições de sobrevivência da altura e às regras de uma sociedade patriarcal. Algumas silenciam o seu descontentamento, internalizam a sua dor, algumas recorrem ao álcool como forma de escape. A presente performance representa estas figuras, "dando voz ao silêncio" (Blixen, 1955), ocupando-o com mãos que incansavelmente tentam lavar, com vinho tinto, toda a sujidade de uma sociedade, em que Deus, Pátria e Família correspondiam (e correspondem) a significantes vazios (como definido por Laclau, 1996) que, ao contrário das garrafas, não se podem deitar fora.

Íris Moreira é estudante da licenciatura de Literatura e Estudos Interartes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 2023. Estando a frequentar um curso interdisciplinar, tem um interesse particular nas artes performativas, tendo formação em Teatro e desenvolvendo vários projetos com a associação do Teatro Universitário do Porto, como a peça *O Ar é de Todos*, de 2024, encenada pela equipa BLUFF (Guilherme de Sousa e Pedro Azevedo).

Petropolifonías telúricas

Soledad F. Rodríguez & Cristian A. Arancibia (CET-FLUL; CAPRA Arte Colectivo)

¿Cómo escribimos y sonamos telúricamente? ¿podemos devenir piedra y devenir voces en confluencia con otras piedras? ¿pueden estas formas de sonar entablar relaciones de resistencia? Petropolifonías telúricas es una performance poético-sonora de Soledad F. Rodríguez y Cristian A. Arancibia que surge de diversas prácticas artísticas enmarcadas en la investigación doctoral de Soledad que indaga en otras narrativas de la vocalidad partiendo de la figura de la ninfa Eco, aquella condenada a repetir las voces de otr-s y que a su vez fue desmembrada quedando su cuerpo convertido en piedras: "The stone contains, and is the condition for, the voice, just as the ossa suggests first the nymph's face (os), the mouth (os) that spoke too much, and ultimately, the mouth (os) of the one through which Echo as voice lives" (Le Ven, 22). Esta performance trabaja con piedras compañeras como forma de entablar una colaboración sonora y poética con ellas. A partir de diversas prácticas de escritura sonora corporizadas, influenciadas por el concepto de therolingüística de Úrsula Le Guin, se propone una performance sonoro-poética donde las voces devienen piedras telúricas y las palabras se rompen y mastican buscando otras formas de decir, sonar y escuchar en una petropolifonía entre diversas voces, lenguas e imágenes. Desde estas voces telúricas compostistas surgen clamores contra el capitalismo devorador que las aplasta, de voces-piedras-huesos que buscan la justicia por medio de la pervivencia de la memoria y contra el orden andro-antropocéntrico imperante que las silencia, todo esto en un cluster poético sónico que deja entrever las fisuras de nuestro mundo en ruinas. Este trabalho é apoiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., com a referência do projeto 2023.00720.BD e o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/2023.00720.BD>.

Soledad Figueroa Rodríguez es artista interdisciplinar e investigadora especialista en voz. Doctoranda en Estudios de Teatro y de Performance de la Universidad de Lisboa e investigadora del Centro de Estudios de Teatro (CET-FLUL), Portugal. Magister en Artes con mención en Estudios y Prácticas teatrales y Actriz, Licenciada en Actuación

de la Pontificia Universidad Católica de Chile. Becaria de la Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Co-directora de CAPRA Arte Colectivo donde desenvuelve gran parte de su trabajo artístico. Su investigación actual se centra en las posibilidades especulativas, expandidas y porosas de la vocalidad y la escritura poética, desde una perspectiva feminista compostista y decolonial.

Cristian Aros Arancibia es artista transdisciplinar. Se formó como actor en la Escuela de Teatro de la Universidad Católica de Chile en 2008; realizó un diplomado en Arte Sonoro en la Universidad Católica de Valparaíso en 2021; y es Máster en Arte Sonoro por la Universidad de Barcelona (2025). Es codirector de CAPRA Arte Colectivo, donde realiza la mayor parte de su trabajo artístico. Su desarrollo en el ámbito artístico profesional se caracteriza por la búsqueda permanente de lo transdisciplinario, lo que le ha permitido desempeñar diferentes funciones: intérprete, director escénico y audiovisual, compositor, guitarrista y artista sonoro.

Irremediável, Violeta Parra

Pedro Januário (FCSH-UNL / IELT)

A videoperformance Em quatro canções de Violeta Parra: “La jardinera”; “Que palabra te dijera”, “Maldigo del alto cielo”; “Ayudame, Valentina”, é revelado um corpo poético projectando e resistindo ao género da canção que o tenta normalizar. Durante a nossa leitura propomo-nos a escutar gravações, apresentar pinturas da autora, e mergulhar na disseminação, desviando-nos de uma trajetória de abrangência popular para um universo em Parra, pleno de uma experiência de não assimilação e de resistência. Contaremos com estudos de natureza disciplinar diversa, da antropologia às artes visuais e à música. Sobre a relação da sua obra com recolha do cancionário tradicional chileno feita entre 1953-1959, mencionaremos o trabalho de Paula Miranda Herrero, Elisa Loncon e Allison Ramay, “Violeta Parra en el Wallmapu: su encuentro con el canto mapuche” (2017), onde desenvolvem um estudo que se propõe visitar a região Wallmapu, onde foram desenvolvidas as recolhas pela artista. Pela leitura da poesia, conciliada com a dimensão musical das canções, assim como pela materialidade da escuta dos registos sonoros que é o “sem autoria” fixo, a nossa abordagem invocará o gesto da cura, mágico no seu deslocamento, mas enquanto escrita do irremediável. Pela voz que canta, projecção sonora, gesto da reprodução, gravação e amplificação do som, se misturam as dimensões do ritual ao doméstico. As canções de Violeta Parra abordam um sofrimento, mas nas quais a poesia se apresenta como mutação do dom, que implica a indivisibilidade entre a poesia e a não-violência.

Pedro Januário (n.1982, Lisboa) é arquitecto, mestre em filosofia e a finalizar o doutoramento em Estudos Portugueses, IELT, FCSH-UNL. Trabalhou em produção e gestão cultural em artes visuais e performativas na Associação Goela. É guitarrista dos Llama Virgem. Tem criado música para teatro e performance com os colectivos do Teatro Correto, Lisbon Players e Colectivo Sul.

Stonehand

[durational performance]

Nathan Walker (York St. John University)

'Stonehand' takes its name from the traditional letterpress printing, the stonehand was a person who would organize and compose letter forms. The performance is structured around three simultaneous tasks; walking, writing and speaking. These tasks are braided tightly throughout the duration of the performance, as they are sustained they are made more complex, writing is overwritten, steps are retraced and language, both visual and verbal, is reorganized in relation to the body as a site and the site of the body.

Nathan Walker is an artist and writer working across and between performance art and poetry, exploring both the body and the page as sites for vocal exploration and the manipulation of sound and speech. They facilitate a queer vocality, one that is both embodied and untethered. They teach time-based practices in fine art at York St John University.

Grafomanías, traducción y autoría expandida

Marina Álvarez Carnero (UCLM)

Grafomanias, tradução e autoria expandida é uma conferência performativa que investiga as relações pré-semióticas entre gesto, escrita e imagem onde o corpo produz sentido. Esta proposta parte de uma investigação-criação em torno à dimensão anatómica da escrita e aborda a memória, a experimentação e a criação coletiva como modos de conhecimento que ocorrem antes de serem nomeados. Os participantes podem contribuir ativamente ou como observadores, onde o gesto se constitui como acontecimento.

Marina Álvarez Carnero Creadora e investigadora interdisciplinar. Doctoranda en la UCLM (España), con una investigación -creación intermedial que explora el gesto y la hibridación de lenguajes plásticas, performativas y literarias. Desarrolla su actividad en los ámbitos artístico, académico y pedagógico por medio de congresos, exhibiciones, proyectos de investigación, publicaciones y talleres vinculados a las artes escénicas, artes visuales y la literatura. Actualmente colabora en proyectos de investigación intermediales en la UNAE y la PUCP en Lima, Perú.

BRANCURA

Branca Trigo & Sílvia Penas (U. Vigo / BiFeGa)

“A branca é uma cor difícil de descrever. É branca e nada mais, e assim que pensamos nela, começa a deixar de o ser.” – José Saramago

Branca é unha intervención performativa que utiliza o binomio branca/brancitude para desmantelar a súa aparente neutralidade e explorar o seu peso político e histórico. O traballo inspírase no branco cegador do *Ensaio sobre a Cegueira* e no branco incómodo do voto nulo no *Ensaio sobre a Lucidez* de Saramago. Acode tamén ao *Homem Duplicado* como modelo da escisión identitaria e binaria que a branca impón: o corpo branco é, e o corpo branco representa. As dúas performers, dous corpos que reflicten as súas propias gradacións de branca, utilizan o movemento e a palabra para tensionar os límites do termo, historicamente asociado á pureza, a razón e, perigosamente, á hexemonía.

Desde a perspectiva da teoría da performatividade de Judith Butler, a performance non é só unha representación, senón o acto iterativo que constrúe e mantén a categoría de “corpo branco”. A peza busca perturbar este habitus performativo para revelar a súa artificialidade política. O voto en branco do *Ensaio sobre a Lucidez* serve como metáfora central da dupla natureza da branca. Do mesmo xeito que os corpos idénticos d’*O Homem Duplicado* encarnan destinos opostos, o voto branco e o propio concepto de branca posúen dúas caras aparentemente iguais pero con consecuencias diverxentes: unha lucidez que rexeita o sistema ofrecido, expondo a súa ilexitimidade; ou unha opacidade calculada que lle permite ao poder seguir operando sen resistencia efectiva.

A performance artículase coa noción de dispositivo (Agamben), que captura e xestiona a vida. A branca aquí é o lugar onde o dispositivo opera con maior eficacia, utilizándose para ocultar a súa propia condición política. Ao intervir no lugar da branca, as artistas propoñen unha interrupción. Trátase dunha política da arte (Rancière) que, ao facer visible o suxeito branco como suxeito político e non universal, redefine a distribución do sensible. Ao reflectir a súa propia condición, a peza convida a pasar da branca cegadora á branca lúcida, aquela que permite ver as sombras que historicamente foi autorizada a ocultar.

Branca Trigo Cabaleiro (1997) investiga sobre o vínculo entre a monstrosidade e as identidades queer na poesía galega contemporánea para a súa tese doutoral na Universidade de Vigo. Desde 2021, co-dirixe Edicións Malafera, un selo independente que aposta pola poesía experimental e polas novas voces da literatura galega. Publicou catro poemarios, entre eles o recente *Mundo Carne* (2025). A súa obra aparece tamén en revistas e publicacións colectivas. Gañou certames de poesía coma o do Concello de Carral. No ámbito escénico, introduce nos seus recitais elementos do shibari, o audiovisual e a pintura grazas á colaboración con outres artistas. Por último, Branca traballa a literatura oral como regueifeira. Actualmente imparte clases de improvisación oral en verso desde o Concello de Vigo.

Silvia Penas (1980) é unha poeta cuxo traballo arranca da creación textual para indagar na poesía escénica e expandida. É cocreadora, xunto a Jesús Andrés Tejada, da formación Cintaadhesiva, activa no ámbito da escena galega e internacional. Ademais, desenvolveu proxectos escénicos en solitario e en colaboración con artistas de diversos ámbitos ao longo dos últimos 15 anos. Incursións no teatro, na música e formatos multidisciplinares. Recibiu varios premios de poesía polas súas obras, como o Premio Manuel Lueiro Rey ou o Premio Avelina Valladares. Recentemente (2024), foi galardoada co Premio Follas Novas e o Premio Aritmar (Galiza- Portugal) ao mellor poema por *Retratos de vodas, partos e funerais*. No mesmo ano recibiu o Premio de Poesía do Concello de Carral polo poemario *A pel do exilio*. abora en proxectos de investigación intermediales en la UNAE y la PUCP en Lima, Perú.

Cartografias do Exílio, Vol. I: Alberto Pimenta é/e Saramago | 24º dever: a vida criada é a vida política

Joana Videira (NOVA FCSH), Gabriela Marramaque (FBAUL), Filipa Cardoso
(Artista independente)

Cartografias do Exílio, Saramago Vol. I é um ensaio visual sonoro, de cerca de 20 minutos, a partir de dois textos de Saramago, numa performance intermedial que investiga as possibilidades do gesto desautorizado, instável e indisciplinar(ado). Numa leitura performativa, em articulação com sonoplastia e vídeo, desmonta-se a conferência enquanto produção de sentido para fissurar os regimes de legitimidade da autoridade académica ou autoral. Através da articulação entre voz, corpo, som e imagem, apresentamos um ensaio-visual que é também uma conferência-performance e que pretende instalar-se na fissura e na crise, explorando o erro, o ruído, o cliché e a falha como estratégias críticas e materiais. Em diálogo tensionado com a obra de Saramago e a prática crítica e poética de Alberto Pimenta, afirmamos a criação como campo político e estético. Partimos dos 23 Deveres e Obrigações dos seres humanos e dos *Cadernos de Lanzarote, Vol. I*, de José Saramago e propomos um 24.o dever –que Saramago nunca escreveu, mas praticou: o dever de existir criativamente no mundo. Longe de completar ou corrigir o texto original, assumimos a incompletude do arquivo como espaço político e criativo, aberto à intervenção. A performance acontece no próprio dispositivo do vídeo, o ensaio-visual opera assim como gesto desautorizado, onde a criação se manifesta como acontecimento sensível e político, para além da palavra escrita. Entre Saramago e Pimenta, afirmamos a criação como dever indisciplinar e a performance como espaço de uso, inclinação e não-produção. O ensaio recusa a autoridade do discurso e da obra acabada, propondo a vida e a prática artística como gesto encarnado, coletivo e político.

Somos três: uma voz que escreve e falha, uma paisagem sonora que interfere e inclina e um campo visual que afeta e é afetado. Propomos uma prática, somos um processo.

Joana Videira é doutora em Estudos Literários, Teoria Literária e Literatura Comparada e mestre em Estudos Linguísticos, Literários e Culturais pela Universidade de Barcelona. A sua tese foi vencedora do prémio extraordinário de doutoramento e investigou a construção, representação e potência dos afetos e da violência no corpo literário. Atualmente, realiza a sua pesquisa de pós-doutoramento sobre Geografias do Amor na Literatura e nos lugares da performance, no CICS.Nova, da Universidade Nova de Lisboa, é colaboradora da Universidade de Vigo, na Cátedra José Saramago e no grupo BiFeGa, bem como no centro de pesquisa ADHUC, da Universidade de Barcelona.

Joana Videira é doutora em Estudos Literários, Teoria Literária e Literatura Comparada e mestre em Estudos Linguísticos, Literários e Culturais pela Universidade de Barcelona. A sua tese foi vencedora do prémio extraordinário de doutoramento e investigou a construção, representação e potência dos afetos e da violência no corpo literário. Atualmente, realiza a sua pesquisa de pós-doutoramento sobre Geografias do Amor na Literatura e nos lugares da performance, no CICS.Nova, da Universidade Nova de Lisboa, é colaboradora da Universidade de Vigo, na Cátedra José Saramago e no grupo BiFeGa, bem como no centro de pesquisa ADHUC, da Universidade de Barcelona.

Gabriela Marramaque tem formação em Música Eletrónica, pela ETIC, e em Produção Audiovisual, pela Jangal Studios. Concluiu recentemente a Licenciatura Tecnologias da Música, na Escola Superior de Música de Lisboa, e, frequenta presentemente o Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento, pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. A sua experiência artística é multifacetada, incorporando animação de eventos, sonoplastia, produção musical, videografia e formatos audiovisuais imersivos. À música, junta as artes têxteis e electrónica através do desenvolvimento de figurinos com sensores integrados. Faz parte do Centro de Estudos em Música onde desenvolve vários projetos de investigação e criação artística.

Filipa Cardoso é fotógrafa e documentarista. A fotografar mais regularmente em película e em digital desde 2018 de forma autodidata, a fotografia faz parte do seu percurso criativo desde muito cedo. Formações pontuais no seu trajecto, como em captações

com Super 8, fomentam a paixão pelo cinema e mais tarde, em 2022 dá início ao curso de documentário do KINO- DOC e em 2023 ao curso avançado de documentário, onde desenvolve as técnicas de captação de imagem em movimento, som e montagem. O seu estilo caracteriza-se pela captação e celebração da vulnerabilidade e força feminina presente em todos os corpos.

Guia de Espaços

Venue Guide

Nota: esta conferência decorre em vários espaços da cidade do Porto. Este Guia de Espaços reúne moradas e indicações básicas de localização, de modo a facilitar a circulação dos participantes entre os diferentes locais do evento. O programa distribui-se entre a FLUP, a Casa Comum, o Espaço Porta-Jazz, a Galeria Municipal do Porto, a Livraria Aberta e a Biblioteca Poética Eugénio de Andrade.

Assinala-se, contudo, que a visita à Galeria Municipal do Porto e a atividade na Biblioteca Poética Eugénio de Andrade correspondem a iniciativas autónomas, já em curso no contexto da programação das respetivas instituições, cuja divulgação foi integrada no programa das Jornadas.

Please note: this conference takes place across several venues in Porto. This Venue Guide provides addresses and basic location details to help participants move between spaces. The programme is distributed across FLUP, Casa Comum, Espaço Porta-Jazz, Porto Municipal Gallery, Aberta Bookshop, and Eugénio de Andrade Library.

Please also note that the visit to Porto Municipal Gallery and the event at Eugénio de Andrade Library are independent initiatives already taking place within the programme of their respective institutions, whose dissemination has been incorporated into the conference programme.

1. FLUP

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Faculty of Arts and Humanities, University of Porto

Morada | **Address:** Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto.

Espaço principal das sessões diurnas nos dias 22 e 23 de abril, nomeadamente nas Salas de Reuniões 1 e 2 (junto ao Bar do Piso 2).

Main venue for the daytime programme on 22 and 23 April, including Meeting Rooms 1 and 2.

2. Casa Comum

Reitoria da Universidade do Porto

Rectorate of the University of Porto

Morada | **Address:** Praça de Gomes Teixeira, 4099-002 Porto.

Acolhe a sessão de performances da noite de 23 de abril e parte substancial do programa de 24 de abril.

Venue for the evening performance session on 23 April and for a substantial part of the programme on 24 April.

3.

Espaço Porta-Jazz

Espaço Porta-Jazz

Morada | **Address:** Praça da República, 156, 4050-498 Porto.

Recebe a Sessão de Performances 1, na noite de 22 de abril.

Venue for Performance Session 1 on the evening of 22 April.

4.

Galeria Municipal do Porto

Porto Municipal Gallery

Morada | **Address:** Jardins do Palácio de Cristal, R. de D Manuel II, 4050-346 Porto

Espaço da visita guiada à exposição Colapso, de Silvestre Pestana, no dia 24 de abril.

Trata-se de uma iniciativa autónoma da programação da Galeria Municipal do Porto, cuja divulgação foi associada ao programa das Jornadas.

Venue for the guided visit to Colapso, by Silvestre Pestana, on 24 April.

This is an independent initiative within the programme of Porto Municipal Gallery, whose dissemination has been incorporated into the conference programme.

5.

Livraria Aberta

Livraria Aberta

Morada | **Address:** Rua do Paraíso, 297-299, 4000-378 Porto.

Acolhe o lançamento de *pause.*, de J. R. Carpenter, no dia 24 de abril.

Venue for the book launch of *pause.* by J. R. Carpenter on 24 April.

6.

Biblioteca Poética Eugénio de Andrade

Biblioteca Poética Eugénio de Andrade

Morada | **Address:** Rua do Passeio Alegre, 584, 4150-677 Porto.

Recebe a conversa paralela *Remisturar o Arquivo | Remixing the Archive*, na noite de 24 de abril.

Trata-se de uma iniciativa autónoma, integrada na programação da instituição parceira, cuja divulgação foi associada ao programa das Jornadas.

Venue for the parallel talk *Remixing the Archive* on the evening of 24 April.

This is an independent initiative within the programme of Porto Municipal Gallery, whose dissemination has been incorporated into the conference programme.



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

UID/00500/2025
<https://doi.org/10.54499/UID/00500/2025>

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

**casa
COMUM**



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE ESTUDOS SARAMAGOS
APEF

UNTA

I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo